

Contextualização

Este capítulo pretende dar a conhecer a multiplicidade de esferas sobre as quais esta obra se irá debruçar. Isto é essencial para construir pontes entres os conceitos que vários autores das mais diversas áreas foram elaborando, as quais se intersectam e muitas vezes sobrepõem numa rede não menos confusa daquela que define uma cidade no seu aspecto físico. Assim, matérias como psicologia, sociologia, arquitetura e urbanismo são necessárias para dar ferramentas ao designer para que este possa desbravar e tentar ganhar consciência da multiplicidade de factores e consequências que deverá ter em conta quando projeta para o meio urbano (ou antes para os seus habitantes?). Cruzando as diversas ideologias deverá ser possível estabelecer os pontos essenciais para a discussão deste tema.

De uma forma ou de outra, todos os artefactos que foram criados ao longo da História da humanidade foram necessariamente, numa primeira fase, imaginados e “ensaiados” na mente do seu inventor. Quer isto dizer que todas as ferramentas são um reflexo do Homem, confirmando assim a sua natureza protésica. As repercussões disto são evidentes: toda e qualquer invenção humana não só altera o mundo que rodeia o utilizador, como também a sua percepção deste. As ferramentas são portanto mais do que elementos de transformação, são “*pregnant symbols*”. Weizenbaum afirma que “*the machines of man have strongly determined his very understanding of his world, and hence himself*” (Weizenbaum 1991); o seu mundo é pois auto-construído, ainda que exista a percepção de que as forças que o mudam são externas. Ao encarar as suas criações, o Homem confronta-se com ele mesmo e com o mundo tal como o percebe. As ferramentas são pois necessariamente pedagógicas: face à sua morte o Homem torna-se “professor”, comunicando a sua sabedoria através símbolos. Vários objetos são paradigmáticos da mudança de percepção que o Homem tem sobre si mesmo. A lança ou o barco são elementos que alteraram muito o alcance da humanidade, e, mais do que isso, deram-lhe a noção de que pode refazer e reconstruir a sua imagem e as suas próprias possibilidades. Weizenbaum considera que se de facto a Natureza foi “conquistada”, isto deve-se ao facto de a nossa própria percepção sobre esta ter sido alterada. Onde antes havia uma noção de ciclo eterno, de algo que se prolongava em repetidas metamorfoses, passou a existir uma ideia de irreversibilidade na evolução, proposta, entre outras, pela teoria Darwinista. Weizenbaum considera que enquanto anteriormente o Homem pertencia de facto ao mundo que o rodeava (guiando-se pelos seus eventos), após a invenção do relógio (um artefacto não protésico), ocorreu uma separação que lhe conferiu uma sensação de independência e que permitiu alhear-se e distanciar-se desta, para finalmente analisá-la de fora, auto-excluindo-se. As cidades são, aparentemente, o ponto mais óbvio de cisão com a Natureza; o local onde as variáveis foram final-

mente (ou idealmente) controladas de forma a facilitar a experiência da vida humana. São elas o espelho dos seus construtores que simultaneamente as projetam e reinventam, testando e aprendendo as potencialidades e limitações das suas capacidades.

Difícilmente se poderá definir uma cidade quer pelo seu património físico, quer pelo seu aspecto fluido e social, quer pelos indivíduos que nela se movimentam. Fazê-lo depende naturalmente da abordagem que se desejar escolher, e estas são tão variadas como as camadas que constituem a própria cidade, começando na sua arquitetura e terminando no tecido vivo que a veste. É possível, no entanto, que seja precisamente nos limiares imprecisos da sua percepção que se situe também o fascínio que esta exerce sobre as pessoas, dado que é também aqui que residem as inúmeras potencialidades que em si encerra, ou antes, que em si se iniciam. Para além da fronteira que define a cidade física é hoje impossível determinar qual a sua área de influência dado que “a urbanização não é um processo exclusivo da área da cidade: os meios de comunicação assim como as redes de transporte estendem o fenómeno cultural muito para além da mesma, dando origem a novas definições.” (Rem, Jean, Liliane Voyé, 1997).

Mediante as tremendas transformações que tem sofrido o campo social, a cidade é hoje uma sobreposição de inúmeras camadas de histórias de reaproveitamentos e adaptações dos elementos fixos que se submetem às necessidades (e vontades) humanas dotadas de uma natureza mais fluida. Já não se fala apenas da cidade “histórica”, com os seus monumentos agora muitas vezes vazios e desprovidos de utilização, numa política que os congela no tempo em vez de os dinamizar no espaço; a cidade histórica é antes um caso de identidade específico. Existe nela um conflito temporal, onde o passado e o presente lutam por um futuro. A história é de resto uma recolha (ou por vezes uma seleção) de memórias, motivo pelo qual a sua análise é à partida de extrema pertinência para a compreensão do aspecto “vivo”/social da cidade.